

O MARTELO DE NIETZSCHE SOBRE O HISTORICISMO MODERNO

Antônio Flávio Figueiredo Braz
Especialista em Filosofia (PGFIL-FUNREI)

Resumo: O presente artigo trata da análise crítica de Nietzsche em relação às perspectivas do sentido histórico vigentes em sua época, bem como de sua proposta revolucionária que confere ao homem a vontade e o poder para fazer a história. Sua crítica avalia o passado, abatendo todos os elementos que não contribuem para a criação de novos valores e que colocam o homem sob certos moldes universais (dogmas). Nietzsche traz a perspectiva do dionisíaco na história, revelando a vida, o instinto, as emoções, e até mesmo o cotidiano por trás dos heróis (cotidiano este que fora excluído pelos historiadores tradicionais). Nietzsche nos conclama a cultivar a história em função da vida e não colocá-la como ciência “dona da verdade” sobre o nosso passado. Para Nietzsche, o que importa é que sejamos livres para fazer história, capazes de agir sobre ela, sem que percamos nossa individualidade em direção a uma objetividade absoluta, para a qual tenderia o sentido da história, como diziam os hegelianos. Nietzsche nos diz, porém, que uma história que só destrói, sem que estimule o impulso construtivo interior, com o tempo se torna desnaturada, tirana e niilista, pois o martelo “serve tanto para destruir, como para construir”.

Palavras-Chave: História monumental. História erudita. História crítica. Valorização da vida.



Abstract: The present article treats of the critical analysis of Nietzsche in relation to the perspectives of the effective historical sense in your time, as well as of your revolutionary proposal that checks the man the will and the power to do the history. Your critic evaluates the past, abating all the elements that don't contribute to the creation of new values and that place the man under certain universal molds (dogmas). Nietzsche brings the perspective of the dionisiacal in the history, revealing the life, the instinct, the emotions, and even the daily behind the heroes (daily this that had been excluded by the traditional historians). Nietzsche shouts us to cultivate the history in function of the life and not to place her as science "lady of the truth" on our past. For Nietzsche, the one that imports is that we are free to do history, capable to act on her, without we lose our individuality in direction to an absolute objectivity, for which would tend the sense of the history, as they said the hegelianos. Nietzsche tells us, however, that a history that only destroys, without it stimulates the interior constructive pulse, with the time she becomes cruel, tyrant and nihilistic, because the hammer "serves so much to destroy, as to build".

Key-Words: Monumental history. Erudite history. Critical history. Valorization of the life.

Por “martelo de Nietzsche”, devemos entender a sua análise crítica e destruidora dos valores e sistemas filosóficos tradicionais, no sentido de anunciar um novo espírito, uma nova atitude, a aceitação da vida como ela é, o que não significa a aceitação do homem, mas de um

“

super-homem que tem vontade forte, amor, embriaguez dionisíaca e que cria um novo sentido para a vida.

Identificaremos a seguir, o martelo nietzscheano sobre a “História como ciência”, “cultura histórica”, “homens

históricos”, principalmente visando as teorias hegeliana e positivista.

Partiremos da análise da obra *Considerações Extemporâneas (1873-*

1874), Capítulo II, que trata “Da Utilidade e Desvantagem da História Para a Vida”¹

No início do referido Capítulo, temos considerações sobre o tema “felicidade”. Neste, Nietzsche nos diz que o que faz da felicidade, felicidade, é a capacidade de esquecer, ou melhor, a faculdade de se sentir a-historicamente, no sentido de instalar-se no instante e acreditar-se potente para criar e dominar o seu destino. Isto nada mais é do que acreditar no seu próprio ser.

Todo agir requer esquecimento: assim como a vida de tudo o que é orgânico requer não somente luz, mas também escuro. Um homem que quisesse sempre sentir apenas historicamente, seria semelhante àquele que se fôrçasse de abster-se de dormir... (...) Há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico no qual o vivente chega a sofrer dano e por fim se arruína, seja ele um homem ou um povo ou uma civilização.²

Esse sentir a-historicamente, pode-se dizer que é uma atitude trágica, dionisíaca, que poderia ser interpretada no sentido de se viver deslocado do “sentido da história” imposto pelo pensamento apolíneo e massificante. Ou, seria o mesmo que viver o agora como um animal que vive sem lembranças e sem preocupações com o futuro, comuns ao homem contemporâneo no seu dia-a-dia. Viver sem preocupações é possível, desde que passado e futuro sejam igualmente

“desvalorizados” em função do agora, sendo um só - no sentido da expressão “Eterno Retorno”, onde as possibilidades sempre reaparecem. Ou seja, não são os acontecimentos históricos que se repetem exatamente como aconteceram, e até mesmo, não deve haver nenhum acontecimento de maior importância que outro. Por exemplo: não haverá novamente um Cristóvão Colombo que descobrirá outra vez a América, isso para Nietzsche é impossível. Deve-se, pois, tomar o cuidado de não achar que o eterno retorno é o retorno de tudo o que já foi, pois “com isso teríamos que admitir que, até em toda a eternidade para trás, subsistiu algo de igual, a despeito de todas as alterações de situações globais e de toda criação de novas propriedades – uma admissão impossível!”³. Para ele, o presente, o instante, é carregado com todas as possibilidades, quando nele martelamos os velhos conceitos, aniquilando-os, construindo a partir do espaço deixado por outros, valores superiores, ou seja, que valorizam a vida, a vontade de potência, a liberdade de opinião etc.

Para Nietzsche, o mundo não tem um alvo final a ser alcançado, como por exemplo: perfeição, absoluto, bem supremo, felicidade etc. – maneira religiosa de pensar e desejar.

O mundo, se bem que nenhum deus mais, deve no entanto ser apto à divina força criadora, à infinita força de transmutação: deve voluntariamente defender-se de recair em uma de suas velhas formas; deve ter, não somente a intenção, mas também os meios para se garantir contra toda repetição; deve, a cada instante, controlar cada um de seus movimentos para impedir alvos, estados terminais, repetições -, e tudo o mais, que possam ser as con-

¹ Nietzsche (Pensadores), 1999, p. 273-287.

² Nietzsche, Ibid. p. 273-274.

³ Nietzsche, Ibid. p. 439.

seqüências de uma tal maneira imperdoavelmente maluca de pensar e desejar.⁴

Nietzsche nos coloca num mundo que não conhece saciedade, não conhece cansaço, e por isso, alterna-se como num círculo no criar-a-si-próprio e destruir-a-si-próprio, da dupla volúpia, na eterna luta que já o fisiólogo Heráclito dizia. Esse é o mundo dos mais fortes, dos mais intrépidos, segundo Nietzsche. Portanto, a felicidade e o que se procura no final de um sentido histórico estaria antes no instante – no aqui e agora – viva-o!, diria Nietzsche.

Nietzsche combate o que ele chama de “saturação de história”, o que não significa, contudo, que ele não dê importância à história, mas “martela” sobre as ilusões historicistas, principalmente hegelianas, positivistas e evolucionistas (Darwin), que causaram uma grande ilusão à humanidade. Primeiramente, porque tais sistemas filosófico-científicos acabaram por conferir tremendo poder ao sentido da história (como se o homem nada fosse diante dela), deixando o homem inseguro e descrente de si mesmo, tornando-se, assim, um ser alienado diante dos fatos – “...e conduz à idolatria do factual: culto este para o qual, agora, aprendeu-se universalmente a usar a formulação muito mitológica e além disso bem alemã: ‘levar em conta os fatos’”⁵. Para Nietzsche, portanto, os fatos nada mais são que ilusões estúpidas, pois nem mesmo têm significações próprias, à medida que precisam de intérpretes.

⁴ Nietzsche, *Ibid.* p. 447-448.

⁵ Nietzsche, *Ibid.* p. 284.

Nietzsche critica a história entendida hegelianamente, dizendo ser ela ridícula, também no que diz respeito ao Absoluto, que perambula pela história galgando os degraus da dialética triádica, se auto-revelando, até chegar ao ponto culminante (que estaria localizado na própria época em que Hegel vivia), implantando nas gerações posteriores a admiração diante da “potência da história”, conduzindo à idolatria do factual, como um “bezerro de ouro” – o próprio Absoluto em movimento. Esta visão retira do homem toda a sua individualidade, pois o mesmo passa a ser espelho objetivo do Absoluto. Tudo seria uma necessidade racional, tudo teria que ser o triunfo do lógico, que coincide sempre com o Absoluto – o real, colocando os homens de joelhos diante dos acontecimentos que retratam, por sua vez, a vitória deste.

Nietzsche ironiza os hegelianos, dizendo que tais “homens” colocam a finalidade da vida na morte, em prol do grandioso vir-a-ser soberano. Tentam legitimar a vida, propondo a eles mesmos um fim, um alvo a *posteriori*, sacrificando suas próprias vidas em prol deste.

Logo em seguida, nos falará de três tipos de atitudes que existem diante da história. Da primeira: “história monumental”, diz que é a história de quem procura no passado modelos e mestres em condições de satisfazer as suas aspirações, através da imitação e adoração destes. Inclusive, têm-se o costume de adorar, através da história, personagens como Rafael, Goethe, Beethoven etc., esquecendo-se das milhares de vidas quão ou tão mais inteligentes ou admiráveis. Até então, a história monumental não poderá usar daquela veraci-

dade total: sempre aproximará, universalizará e por fim igualará o desigual; sempre depreciará a diferença dos motivos e das ocasiões, para, à custa das causas, monumentalizar os efeitos, ou seja, apresentá-los como modelares e dignos de imitação.⁶

Segundo Nietzsche, a história monumental, cheia de datas comemorativas, cívicas ou religiosas, não nos revela os acontecimentos, mas uma coletânea dos efeitos destes, sem mostrar, contudo, a conexão entre as causas e os efeitos, que por fim, revelaria que nunca a história se repete. “Se fosse conhecida verdadeiramente a conexão histórica de causas e efeitos, constataríamos que nunca se repete um resultado exatamente igual no jogo de dados do futuro e do acaso.”⁷

Aqui está o que Nietzsche denominou de “homens históricos”, que são aqueles que só vivem pensando no futuro, a partir do passado, concorrendo, portanto, com a vida presente. Pensam sempre num futuro, onde haverá justiça, desde que antes percorram um longo processo (do caos à ordem, do corruptível ao incorruptível, da imperfeição à perfeição, do pecado à salvação) – tudo à custa da imitação de um modelo perfeito. Nietzsche fala que os estudos desses homens, na verdade, não estão a serviço da vida, mesmo que eles não saibam disso.

Nietzsche chama atenção também para o fato do homem viver - como os medievais - em função do fim do mundo (profecias), ou melhor, no temor deste *memento mori* – lembrete que há de morrer. Isto os deixa

apavorados, procurando recordações, desnorteados, apáticos, preguiçosos etc.

Nietzsche fala que na época moderna lançou-se um outro sentido para a vida, que é chamado de *memento vivere* – lembra-te que há de viver, conclamando o homem a viver a vida, ser livre. Contudo, não conseguiram ainda livrar-se daquelas idéias medievais. Pois,

...a história é sempre ainda uma teologia embaçada: como, do mesmo modo, o terror sagrado com que o leigo não-científico trata a casta científica é um terror sagrado herdado do clero. Aquilo que se dava outrora à igreja dá-se agora, embora com mais parcimônia, à ciência: mas, se se dá, isso foi obra da igreja em outros tempos e não, somente agora, obra do espírito moderno, que, pelo contrário, ao lado de suas outras boas qualidades, tem sabidamente algo de avareza e desconhece a nobre arte da generosidade.⁸

A segunda: “história erudita”, corresponde a de quem compreende o passado dentro dos limites colocados pelos valores vigentes na sociedade em que vive e de acordo com os seus limites (regras, leis, normas, territórios, etc). “Agora pergunto eu se seria sequer possível apresentar nossos literatos, homens do povo, funcionários, políticos de hoje, como romanos; isso não pode ser, porque estes não são homens, mas apenas compêndios encarnados e, por assim dizer, abstrações completas”.⁹

Segundo Nietzsche, pela exigência de que a vida seja regida pela ciência, dominada e dissecada por esta, perdeu-se o limite (responsabilidade pela vida); nunca se viu espetáculo

⁶ Nietzsche, *Ibid.* p. 276.

⁷ Nietzsche, *Ibid.* p. 277.

⁸ Nietzsche, *Ibid.* p. 283.

⁹ Nietzsche, *Ibid.* p. 279.

tão grande como este que mostra a história (ciência) agora, sua perigosa audácia e o lema que escolheu: *fiat veritas, pereat vita* (haja a verdade, pereça a vida). Este tipo de história, segundo Nietzsche, aglomera fatos entre si muitas das vezes desconexos, transformando-os em conteúdos, que dizem não ter forma definida ainda e que são entulhados. O que chamam de cultura é apenas um saber em torno da cultura, e não a cultura efetiva, e quando conseguem chegar a alguma efetividade, o fazem através da convenção, chegando a se parecerem com “a cobra que engoliu coelhos inteiros e em seguida, quieta e serena, se deita ao sol e evita todos os movimentos, além dos mais necessários.”¹⁰

Nietzsche nos fala que o homem da Grécia Antiga preservava em si um sentido a-histórico. Se um erudito moderno pudesse ir ao passado, provavelmente acharia os gregos sem cultura, pois os mesmos não se enchem com o passado erudito, nem tampouco com o futuro: viviam o presente. Se esse mesmo grego, entretanto, descobrisse o segredo desse erudito moderno (que o mesmo nada mais é que uma enciclopédia ambulante), e que de moderno não tem nada, a não ser a cabeça abarrotada de costumes, religiões, traumas, filosofias etc., o mesmo poderia chamá-lo de homem sábio, mas que não vive (autômato). Portanto, neste caso, os gregos antigos poderiam dizer que o erudito moderno tem mais sabedoria que eles, mas em contrapartida eles têm mais vida.

Segundo Nietzsche, a história também tem a característica de privilegi-

¹⁰ Nietzsche, *Ibid.* p. 278.

ar alguns acontecimentos, em detrimento de outros, considerados não importantes, devido as suas regras metódicas, acadêmicas, racionais etc. Pensemos nas possibilidades do que pode ter-se perdido com essa exclusão ocasionada pelo dogma, pela erudição etc. Vejamos, por exemplo, o que aconteceu com o pensamento de Jesus Cristo, que como nos diz o escritor Pierre Héber-Suffrin, Nietzsche

principalmente, senão exclusivamente, recusa uma religião moralizante e culpabilizante – religião que não seria tanto o pensamento de Jesus, mas sua deformação, desenvolvida pelos evangelistas e principalmente por São Paulo. (1991, p. 66).

Assim, nas próprias palavras de Nietzsche:

Aquilo que se pode aprender com o cristianismo, que ele, sob o efeito de um tratamento historicizante (grifo meu), se tornou sofisticado e desnaturado, até que finalmente um tratamento completamente histórico, isto é, justo¹¹ (grifo meu), o dissolve em puro saber em torno do cristianismo, e com isso o aniquila,¹²...

Assim também se dá com a interpretação do pensamento de Sócrates, que fôra platonizado até as suas raízes. O que Nietzsche critica, na verdade, não é o “Sócrates pessoa”, mas principalmente o pensamento socrático teologizado ao longo da Idade Média. Isso se faz evidente quando antes, observamos as pessoas, e não as doutrinas constituídas em torno destas, de Jesus Cristo e Sócrates, que na verdade, foram “espíritos de leão”, em referência ao

¹¹ Numa ironia de Nietzsche, a palavra justo, aqui, corresponde ao estabelecido, o verdadeiro, enfim, o apolíneo

¹² Nietzsche, *Ibid.* p. 282.

Zaratustra. Isso devido às suas atitudes e palavras consideradas subversivas aos sistemas morais, religiosos e políticos vigentes em suas épocas, pois “martelavam” dogmas e verdades estabelecidas.

Isso acontece, segundo Nietzsche, por causa do que ele chama de dissecação histórica, que é a atitude de estudar tudo o que têm vida de acordo com os moldes da razão. Por isso, Nietzsche contrapõe o saber à vida, falando-se aqui do saber histórico erudito, que é um tipo de saber que só fica em torno da cultura, como “sentimento-de-cultura”, “pensamento-de-cultura”, sem contudo, se tornar “decisão-de-cultura”.

Forçada pelo mundo da uniformização da verdade, também a filosofia permanece um monólogo erudito, solitário, reservada aos acadêmicos, gabinetes, profissionais, entre outros. Ninguém mais é fiel à filosofia como o povo antigo, reclama Nietzsche. Por exemplo:

com aquela lealdade simples, que obrigava um antigo, onde quer que estivesse, o que quer que fizesse, a portar-se como estóico, caso tivesse uma vez jurado fidelidade ao Pórtico¹³

Todo o filosofar moderno está política e policialmente limitado ao erudito, ao acadêmico, ao religioso etc. No interior da “Cultura Histórica”, a filosofia não tem tido voz.

Sim, pensa-se, escreve-se, imprime-se, fala-se, ensina-se filosoficamente – até aí tudo é permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente: ali o permitido é sempre um só, e todo o resto é simplesmente impossível: assim o quer a cultura histórica. São homens ainda – pergunta-se en-

ção -, ou talvez apenas máquinas de pensar, escrever e de falar?¹⁴.

Numa fase de transição do homem histórico erudito para o histórico crítico (do qual trataremos a seguir), passamos pelo homem supra-histórico, que é aquele que valoriza o passado e o presente igualmente, iluminando os acontecimentos, interpretando os signos, nunca chegando à saciedade, mas, que ao longo do caminho, se tornam nihilistas, passam a sentir nojo da vida. Nietzsche retoma a palavra de Giacomo Leopardi:

Nada vive, que fosse digno. De tuas emoções, e a Terra não merece um só suspiro. Dor e tédio é nosso ser e o mundo é lodo – nada mais. Aquietate.¹⁵.

E finalmente, da terceira: “história crítica”, que é aquela de quem usa o “martelo” para avaliar o passado, abatendo todos os elementos que não contribuem para o desenvolvimento do seu potencial criativo, no sentido de realizar seus próprios valores. É essa última, a atitude que Nietzsche aplaude.

Nietzsche, com essa sua visão, nos traz a perspectiva do dionisíaco na história, que, por sua vez, revela as causas (e não somente os efeitos), a vida, o instinto, as emoções, o cotidiano por trás dos “heróis”, “o imoral”, que na verdade nada mais é que um preconceito criado por interpretações históricas fundadas em espíritos arraigados na moral e metafísica tradicionais, que têm fundamentos exclusivamente apolíneos. Por que, por exemplo, a história religiosa tradicional excluiu o cotidiano de seus mestres, como Jesus Cristo: este não

¹³ Nietzsche, *Ibid.* p. 279.

¹⁴ Nietzsche, *Ibid.* p. 279

¹⁵ Nietzsche, *Ibid.* p. 275

sorria?, não se irava?, não tinha medo, dúvidas e fantasias?, não possuía as características animais comuns a todos os homens?

Nietzsche nos conclama para que aprendamos a cultivar a história em função da vida, e não o contrário, ou seja, a história não deve ser uma ciência soberana que tem o privilégio da verdade sobre o passado e até mesmo sobre a vida presente, colocando o homem como dominado e conduzido por uma força superior que não a sua própria vida. A história, quando a serviço da vida, torna-se a-histórica e, portanto, nunca tornar-se-á científica a ponto de esquecer o lado humano-vital. Até que grau a vida precisa em geral do serviço da história, é uma das questões e cuidados mais altos no tocante à saúde de um homem, de um povo, de uma civilização. Pois, no caso de uma certa desmedida de história, a vida desmorona e degenera, e por fim, com essa degeneração, degenera também a própria história¹⁶

Nietzsche critica, como vimos anteriormente, a atitude de objetivação e despersonalização diante da interpretação dos fatos, dizendo que os que assim fazem são como os eunucos que vêem diante de si uma mulher nua, sem nada poder fazer. Para Nietzsche, o que importa é fazer história, ser capaz de agir sobre ela, e uma vez esvaziadas as subjetividades, em direção à objetividade, não mais seremos capazes de agir sobre ela. Critica aquela objetividade e neutralidade científicas propostas pelos positivistas, que, no fundo, talvez, já estariam carregadas de juízos e preconceitos.

¹⁶ Nietzsche, *Ibid.* p. 276.

Além disso:

Quando por trás do impulso histórico não atua nenhum impulso construtivo, quando não se está destruindo e limpando o terreno para que um futuro já vivo na esperança construa sua casa sobre o chão desimpedido, quando a justiça reina sozinha, então o instinto criador é despojado de sua força e de seu ânimo. Uma religião, por exemplo, que seja transposta em saber histórico, sobre a regência da pura justiça, uma religião que em todo e por tudo seja conhecida cientificamente, ao fim desse caminho estará aniquilada.¹⁷

Ou seja, uma história que só destrói, sem que estimule um impulso construtivo interior, com o tempo se torna desnaturada, tirana, niilista. Afinal de contas, o martelo serve para destruir e construir.

Nietzsche quer mostrar a importância na história de se olhar para o passado com olhos críticos e limpos de dogmas tradicionais, religiosos, científicos, morais etc., ou seja, onde não se coloca o ser do homem sob certos moldes universais e/ou rótulos. Mas, como isso é possível? Somente é possível àqueles que realizam as três transmutações.

Ele nos ensina como, partindo-se da obediência passiva do camelo, que sempre aceita as cargas que lhe são impostas, se deve derrubar todo o fardo dos valores, com a selvagem brutalidade do leão, e depois passar à criação de valores novos, com a originalidade inocente da criança.¹⁸

A partir daí, tornar a história como uma arte, ou seja, onde nela pode-se conservar instintos e/ou despertá-los.

Uma tal historiografia, porém, estaria em total contradição com o traço analítico e inartístico de nosso tempo, e até

¹⁷ Nietzsche, *Ibid.* p. 280-281.

¹⁸ Héber-Suffrin, *Ibid.* p. 120-121.

mesmo será sentida por ele como falsificação.¹⁹

Para concluir, Nietzsche faz uma consideração sobre a “massa”, em três perspectivas diferentes. Primeira: quando seguem a história monumental – cópias esmaecidas dos grandes do passado. Segunda: quando eruditas – tornam-se obstáculos contra os grandes do presente. E finalmente, a terceira: aquelas que vivem alienadas dentro do sistema, servindo de instrumento nas mãos

dos “grandes”. Nietzsche afirma ser justamente estes três modos de história que predominam em sua época.

A partir deste estudo, pudemos observar a importância de, realizando as três transmutações (com vontade forte, com a valorização da vida em todos os seus aspectos), seremos capazes de fazer história, anunciando um novo espírito ao homem. Pois, poucos fazem a história, muitos não passam de meros espectadores, enquanto outros, ainda, pensam ser a história guiada por uma força metafísica superior.

¹⁹ Nietzsche, *Ibid.*, p. 281.

Referências Bibliográficas

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *O “Zaratustra” de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MACHADO, Roberto. Deus, Homem, Super-Homem. In: *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n. 89, p. 23-32, jul. 1994.

MARTON, Scarlett. Por uma Filosofia Dionisíaca. In: *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n. 89, p. 09-20, jul. 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. (Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho). São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 273-287 (Os Pensadores).